



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13489 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

### GIROS DE CONVERSA DE DOCENTES HETERODISSIDENTES

Manoel Luiz Santos da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Zuleide Paiva da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

### GIROS DE CONVERSA DE DOCENTES HETERODISSIDENTES

**Resumo:** Este estudo apresenta resultados finais de uma intervenção realizada em um mestrado profissional em Educação, oferecido por uma universidade pública do Nordeste, com o objetivo de refletir sobre atravessamentos das sexualidades nas práticas pedagógicas de docentes heterodissidentes, observando como estas constituem professoralidades heterodissidentes. A questão que move a referida intervenção é: Como as práticas pedagógicas afetadas pela experiência da heterodissidência se convertem em saberes docentes diferenciados e constituem professoralidades heterodissidentes? Por conseguinte, o propósito desse resumo é compartilhar experiências de docentes heterodissidentes na escola. De natureza qualitativa, assume a experiência como ponto de partida e a conversa como dispositivo metodológico. Os resultados da discussão apontam: A reprodução da homofobia na escola, negação dos corpos sexuados que são invisibilizados no espaço escolar, as experiências e práticas pedagógicas e a falta de formação docente sobre a temática de identidades de gêneros e sexualidades na Educação.

**Palavras-chave:** Escola; Práticas Pedagógicas; Professolaridade Heterodissidente.

### Introdução

Este resumo reflete o resultado de um projeto interventivo de pesquisa em Educação, realizada em mestrado profissional de universidade pública do Nordeste. Fruto de um “Giro de Conversa” do referido projeto, que oportunizou a aproximação do pesquisador com o campo e com os/as sujeitos/as de pesquisa, sua construção partiu da seguinte problemática: Como os atravessamentos da experiência de professores/as heterodissidentes se convertem em

saberes docentes e constitui professoralidades heterodissidentes? Dado o exposto, o objetivo aqui é refletir sobre experiências de professores/as heterodissidentes, observando os atravessamentos das subjetividades e das práticas pedagógicas devido a sexualidade dissidente que seus corpos expressam no ambiente escolar.

### **Breve reflexão sobre professoralidade heterodissidente**

O conceito de professoralidade é acionado a partir das concepções apresentadas por Pereira (2016), que desvela sobre a formação docente e as subjetividades que atravessam a sua formação e constituem o modo de ser professor/a. Assim, “a professoralidade é uma marca produzida no sujeito, ela é um estado, uma diferença na organização da prática subjetiva. (PEREIRA, 2016, p. 53).

De acordo com a concepção do autor, se tornar professor/a não se resume a graduação acadêmica e aos cursos de formação continuada. Para vir a ser professor/a é preciso estar disposto a viver experiências e se deixar afetar, uma vez que, através das marcas produzidas pelos afetamentos se constitui a professoralidade. E, ao assumir as marcas provocadas pelos atravessamentos possibilita despojar-se de um modelo, da postura professoral engessada institucionalmente.

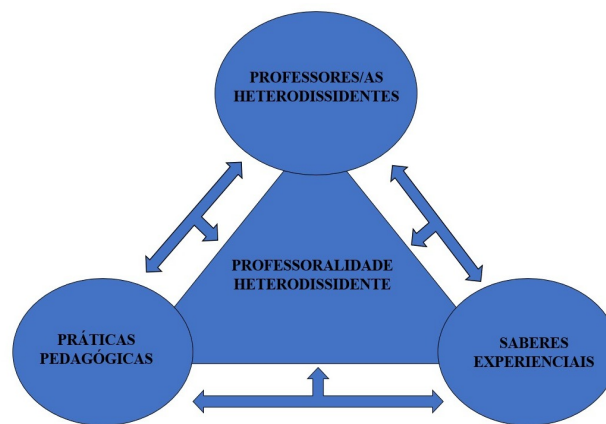
Logo, cabe refletirmos sobre a professoralidade como provocação da alteridade, capaz de imprimir a diferença a partir dos afetamentos da subjetividade do/a professor/a. Essa perspectiva nos impele a pensar que a professoralidade que me constitui um professor gay, assim como a professoralidade que constitui minha orientadora uma professora lésbica, é forjada na experiência gay e lésbica que nos forma, além de ser forjada nas especificidades das nossas práticas docentes, ou seja, a professoralidade que nos constitui é forjada nos atravessamentos e afetamentos das nossas vivências, marcando assim nosso modo ser e estar no mundo como docentes. Ou seja, esses atravessamentos e afetamentos resultam em experiências formativas singulares e, concomitantemente, na formação da diferença de ser o que temos sido: professor gay e professora lésbica.

Ao discorrer sobre a constituição da professoralidade ou como tornar-se professor/a, Santana e Pereira (2019) vão dizer que as diversas situações de conhecimento nas formações de professores/as, nas experiências vividas, na prática docente e seus atravessamentos constituem a professoralidade. “A professoralidade é algo que se constrói à medida que o sujeito experimenta e reflete a vida vivida. Tornar-se professor, em última análise, significa uma diferença na história de cada sujeito” (SANTANA; PEREIRA, 2019, p. 8). Essa concepção de professoralidade, conjecturada por Santana e Pereira (2019), amplia nosso entendimento de que as experiências são elementos de afetamentos determinantes na formação do/a professor/a. Nossas experiências, individuais e coletivas contribuem com o modo de constituição da professoralidade, interfere efetivamente no modo de ser docente,

consequentemente, nos modos de pensar e desempenhar as práticas pedagógicas.

Isto posto, ousamos pensar e considerar que os atravessamentos que afetam a subjetividade de professores/as LGBTQIA+ produzem a marca da diferença na maneira de ser, no modo diferente de empreender as funções docentes e as práticas pedagógicas e assim constituem a professoralidade heterodissidente., como sugere a imagem cognitiva do conceito, isto é, o esquema de representação do conceito, em construção, de professoralidade heterodissidente.

Figura: Imagem cognitiva do conceito de Professoralidade Heterodissidente



Fonte: Elaboração própria

A Formulação desse esquema conceitual tem como base os saberes provenientes da formação decorrente das experiências professorais. Segundo Tardif (2014, p.234), “é a partir e através de suas próprias experiências, tanto pessoais quanto profissionais, que [docentes] constroem seus saberes, assimilam novos conhecimentos e competências e desenvolvem novas práticas e estratégias de ação”. Assim, toda experiência que o/a professor/a vivencia reverbera na sua formação e simultaneamente na sua prática pedagogia e produzem saberes que formam o/a professor (TARDIF, 2014). Por exemplo, ao se deparar com uma situação de homofobia em sala de aula, pressupomos que, em alguma proporção esse/a professor/a assumirá uma postura de enfrentamento. A postura de enfrentamento (ou passividade) irá reverberar na postura, no discurso e, consequentemente, será traduzida na prática docente em consequência do atravessamento provocado pela experiência vivenciada.

Por essa perspectiva, pensamos que ser gay ou lésbica é um elemento operante na experiência formativa e na constituição da professoralidade de docentes heterodissidentes, ao considerar que a sexualidade não pode ser dissociada do modo de docente.

### Considerações metodológicas

A intervenção assumiu os “Giros de Conversas” como dispositivo metodológico, recorrendo a conversa pra fazer “girar” o assunto em pauta e socializar as experiências como um “gesto pedagógico”, compreendendo que a conversa é um gesto pedagógico à medida que educar pode ser compreendido como o modo de conversar a propósito do que faremos com o mundo e com a vida (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018).

As fabulações das experiências se caracterizaram como momento formativo com base nas partilhas de saberes, embora não teorizados, que atravessam, modificam, (trans)formam e constituem o/a sujeito/a em processo contínuo da sua vivência (LARROSA, 2014). Com essa perspectiva, o momento de confabulação nos Giros de Conversas, realizados em 2022, foi planejado de modo a contemplar as narrativas voltando-se para a reflexão do termo professoralidade heterodissidente, e, a partir dele, conversar com fluidez, espontaneidade, sem pretensão de instigar ou engendrar as narrativas, mas conduzir a temáticas para a conversa não perder a relação com a ideia de discussão entre professores/as heterodissidentes sobre suas experiências, com a certeza da capacidade de fazer ecoar vozes, experiências, dúvidas, saberes, anseios, ideias, corpos e desejos.

Dessa forma, a proposta metodológica foi promover a conversação garantindo a participação corroborativa de todas e todos, trazendo para o giro de conversa as narrativas das práticas pedagógicas e as experiências vivenciadas em atravessamentos da sexualidade na escola.

## **Resultado e discussão**

A partir das conversações foram elencados quatro subtemas principais apresentados nas conversas: a) Reprodução da homofobia na escola; b) negação dos corpos sexuados que são invisibilizados no espaço escolar (negação da diversidade sexual); c) experiências e práticas pedagógicas; d) falta de formação docente sobre a temática de identidades de gêneros e diversidade sexual na Educação.

A respeito da reprodução da homofobia na escola não há dúvidas de que esta é uma discussão necessária e urgente. Nos Giros de Conversa registramos que muitas vezes a homofobia é naturalizada e infantilizada nas salas de séries iniciais, onde os xingamentos e insultos são tratados como “coisa de criança”. Diante disso, cabe refletir: Homofobia é coisa de criança? Compreendemos que não, que a homofobia parte de um processo de reprodução que está presente em vários grupos sociais, faz parte de um processo de reprodução que está presente em vários grupos sociais (escolar, familiar, vicinal, religioso, político entre outros), e como tal, é uma violência estrutural que precisa ser combatida.

Sobre a política de anulação/invisibilidade dos corpos sexualizados na escola, percebe-se que sob esta política estão os corpos dissidentes da heterossexualidade normativa e binária que limita as expressões e os desejos. Observamos que as escolas, demandam o controle dos corpos de discentes e docentes que se apresentam diferentes e dissidentes dos padrões da heteronormatividade tolhendo seus modos de ser e existir no mundo (OLIVEIRA, 2022).

Ao dialogarmos sobre experiências de docentes heterodissidentes, observamos que as questões de gênero e diversidade sexual estão presentes no espaço escolar e atravessam as práticas pedagógicas. Situações complexas acontecem em tempo e espaço real para além do planejamento pedagógico porque os corpos do espaço escolar são sexualizados (SEFFNER, 2020), e esses corpos não deixam a sexualidade em casa. As práticas pedagógicas somadas às experiências docentes atravessadas por questões relacionadas a sexualidade na escola se apresentam de maneira inesperada, atravessando e desestruturando a nossa prática pedagógica. Muitas vezes a discussão sobre gênero e sexualidade não é uma ação planejada pelo currículo institucional, mas surge no cotidiano escolar. Assim, avaliamos que a experiência docente afetada pela sexualidade heterodissidente potencializa práticas pedagógicas capazes de desnaturalizar a homofobia na escola, embora essas práticas sejam muitas vezes invisibilizada.

Quanto à formação docente (ou ausência dela) observamos que esta é justificada devido a relevância da preparação dos/as professores/as para lidar didaticamente com questões problemáticas que ocorrem no cotidiano escolar. A “preparação de professores/as para lidar com as situações que envolvem diversidade de gênero e sexualidade na escola é fundamental para o sucesso na diminuição do preconceito” (SEFFNER, 2020, p. 80). Dessa forma a formação docente sobre questões de gênero e sexualidade na escola, enquanto instituição educacional, faz-se necessário para a desconstrução das discriminações e outras violências.

Diante desses quatro pontos evidenciados nas narrativas dos/as professores/as participantes dos Giros de Conversas, reconhecemos a urgente necessidade de se ampliar e descomplexificar a discussão de gênero e sexualidade na Educação para o enfrentamento da LGBTfobia institucional e garantia do reconhecimento e do respeito à diferença como potência da vida. Da mesma forma, reconhecemos a potência da prática pedagógica de docentes heterodissidente como ação afirmativa em defesa do direito de existir LGBTQIA+ na escola e fora dela.

Considerando as experiências docentes e as confabulações nos Giros de Conversa, inferimos que a professoralidade heterodissidente, atravessada e forjada pela sexualidade não heterossexual, revela outro modo de ser professor/a que precisa ser reconhecido, respeitado e valorizado. Dessa forma, desde a experiência, cabe questionar a quem interessa e/ou a quem favorece a invisibilização de professoras/es heterodissidentes e das práticas pedagógicas? Cabe ainda reiterar, “Quando vamos à escola não deixamos a nossa sexualidade atrás da porta

de casa, vamos com tudo que nos constitui. E, os nossos corpos falam por si”, como bem pontua uma professora lésbica colaboradora deste estudo.

### **Considerações finais**

Esse exercício de pesquisa interventiva em educação evidencia que a discussão sobre gênero e sexualidade na escola é necessária, porém essa é uma questão complexa que enfrenta resistência. Sobre isso compreendemos que a falta, ou a fragilidade, dessa discussão na formação docente, e na formação dos demais grupos que constituem a comunidade escolar e familiar, é um problema sociocultural que precisa ser enfrentado pelas instituições educativas e pela sociedade em geral. Compreendemos ainda que é preciso refletir sobre a escola/espço social que reproduz o preconceito de gênero e sexualidade, mas que, também, pode ser um espaço de potência inversa.

Nossas trajetórias se cruzam, já que os caminhos que professores e professoras, mesmo que num plano simbólico, se interseccionam com os de outros/as. Assim vamos nos constituído de acordo com as interpelações com o outro que nos observa, nos lê, nos revela e nos julga de acordo com as suas concepções. Experiências reais, sentidas na pele, nos afetam e nos fazem refletir sobre nosso processo de formação professoral e como nossas práticas pedagógicas podem corroborar como o combate a homofobia na escola.

### **REFERÊNCIAS**

LARROSA, J. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

OLIVEIRA, Yuri Barbosa Martins de. **Confabulações professorais de docentes homossexuais. Dissertação**, [Mestrado em Educação e Diversidade] UNEB, Conceição do Coité, 2022

PEREIRA, Marcos Vilela. **Estética da Professoralida: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Ed. Da UFMS, 2016.

RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: Por que não?** Rio de Janeiro. Ayvu, 2018.

SANTANA, Anthony Fábio Torres; PEREIRA, Marcos Vilela. Da constituição da professoralidade ou como alguém se torna professor. **REVELLI**, v. 11. 2019.

SEFFNER, Fernando. **Cultura escolar e questões em gênero e sexualidade: O delicado equilíbrio entre cumprir, transgredir e resistir**. Revista Retratos da Escola, Brasília, 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

